

Quase podemos dizer que Hélio Gomes tem “fome” de mundo. Já perdeu a conta aos países que visitou nos últimos 11 anos e não pára

Aos 26 anos, o único bem material que Hélio Gomes possui é uma mochila. E tudo porque escolheu viajar à descoberta do mundo. Agora, vai explorar África e tentar ajudar as tribos que encontrar no caminho, durante os cerca de dois anos que levará a percorrer esse continente. Conheça a história de coragem deste aventureiro.

### Desgosto amoroso

Foi de uma forma pouco convencional que Hélio descobriu o prazer de viajar. Frequentava o 9º ano (com pouca vontade) e sentia que lhe faltava qualquer coisa, como se não pertencesse a lugar nenhum. E foi o rompimento de uma relação amorosa que lhe deu o impulso que faltava. “Tinha 15 anos e decidi que queria ir-me embora e ver o mundo”, recorda. Assim, pôs uma mochila às costas e foi fazer um *inter-rail*. Sozinho, sem apoios e desconhecendo qualquer língua estrangeira, saiu de Portugal pela primeira vez e correu dez países europeus: “Emagreci uns quilinhos a dormir no chão e a comer sandes todos os dias”. O percurso foi interrompido porque, em Itália, lhe roubaram os documentos, o que acrescentou ainda mais aventura ao percurso. “Nos últimos quatro dias, vim escondido dentro dos comboios. Depois, a polícia apanhou-me e fiz o resto do caminho à boleia de camiões. Cheguei sem dinheiro, sem nada, mas muito feliz e com vontade de continuar”.

### Tentativa falhada

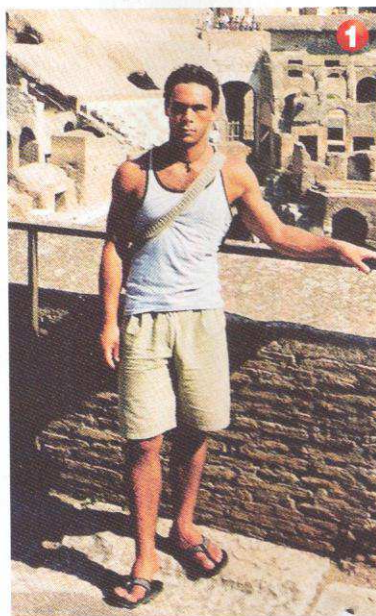
Não restavam dúvidas para o jovem, então com 16 anos, que era um cidadão do mundo. E que, depois da primeira expe-

# TRABALHA NOS

Seguir viagem é o lema de vida deste jovem aventureiro



riência, já não lhe era possível voltar atrás. Assim, a mochila e o seu dono viajaram rumo a Inglaterra: “Quería muito aprender Inglês. Sem planos, cheguei a uma ilha onde havia muitos portugueses, que me ajudaram no início”. Durante sete meses, trabalhou num bar e aprendeu a língua, mas o país era frio demais para que Hélio se mantivesse ali por mais tempo. Estava na hora de procurar outro destino. “Tenerife pareceu-me um bom sítio. Os primeiros meses foram difíceis, vivi na rua, comia pão quando havia... mas estava a seguir o meu sonho”. Arranjou trabalho num bar, tirou um curso de mergulho e chegou a instrutor.



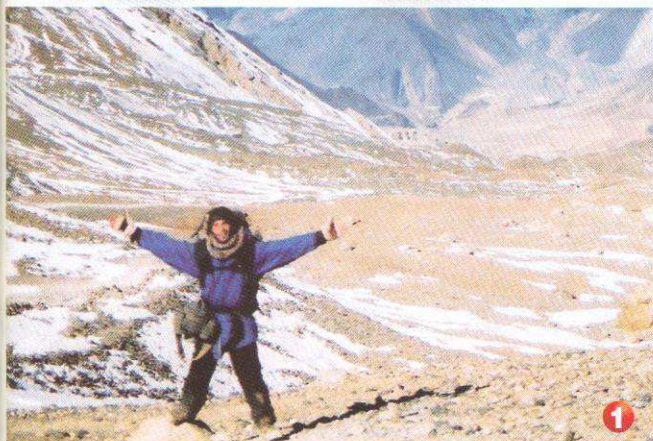
- 1 Visita ao coliseu em Roma, Itália, enquanto fazia um *inter-rail*
- 2 A trabalhar em Tenerife, local onde vai quando lhe falta alguma coisa



# S PAÍSES RICOS

## para visitar os pobres

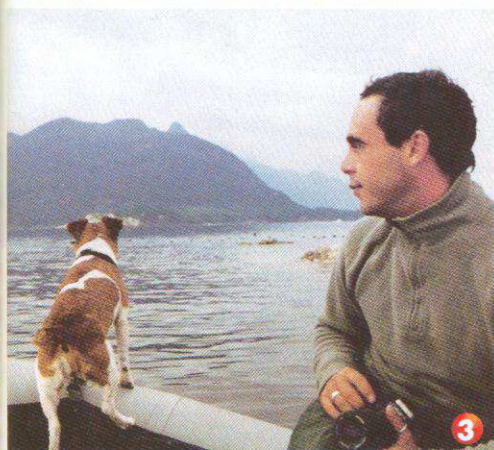
Uma mochila às costas e o apoio da namorada é tudo o que Hélio possui. E é assim que ele é feliz!



1



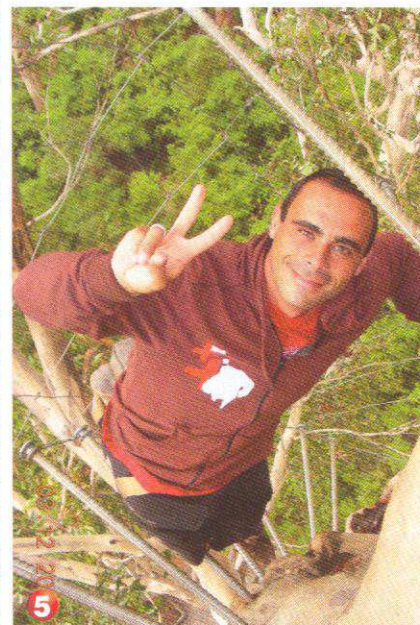
2



3



4



5

- 1 A maravilhosa paisagem do Nepal
- 2 Num meio de transporte típico na Índia
- 3 Quando vivia num barco, na costa do Canadá
- 4 A namorada, Annemick, na vila de Naçula, nas Fiji
- 5 Subindo a uma árvore, no continente australiano



Na escadaria de um templo, no Camboja

A vida corria-lhe bem e Hélio manteve-se neste destino alguns anos. Mas, quando se preparava para abrir a sua própria escola de mergulho, foi forçado a regressar a Portugal por causa do serviço militar obrigatório. “Senti que desapareceram ali todos os meus sonhos”, recorda.

Durante esses meses em que ficou em Portugal, e quase conformado com a sua situação, conheceu uma rapariga com quem decidiu ir viver para o Algarve. Passado um ano e meio, ele já não conseguia mais contrariar o seu espírito de viajante: “Era insuportável estar sempre no mesmo sítio. Sentia-me a morrer”.

### Correr mundo

Começou então uma cruzada longa que ainda não terminou e que, provavelmente, só terá fim quando estiver fisicamente impossibilitado de continuar. Foi direitinho ao continente asiático, onde permaneceu sete meses. Conheceu o Nepal, a Índia e o Sri Lanka. Pelo meio, viveu dois meses num mosteiro budista, entre o ioga e a meditação.

De volta a Portugal, foi altura de ganhar algum dinheiro para a viagem seguinte: “Trabalhei um mês nas exposições de antiguidades e foi o suficiente”. Suficiente para seguir viagem em direcção a Marrocos, onde ficou mais um mês.

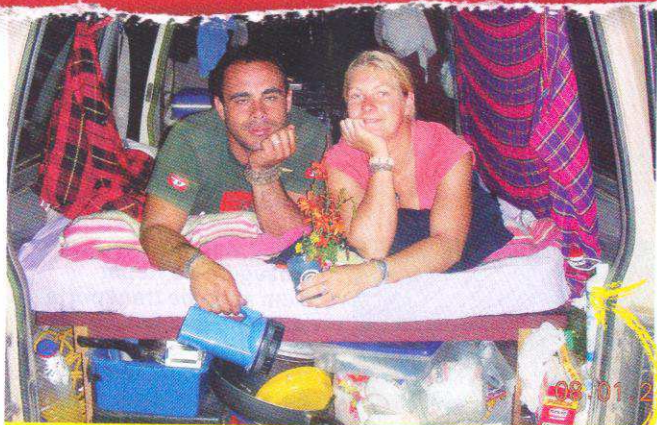
Nos intervalos de cada viagem, regressava a Tenerife. “Sempre que venho de um país, não tenho trabalho e preciso de dinheiro, sei que em Tenerife irei encontrar tudo. Quando tudo falta, é o sítio ao qual recorro”, conta.

Ao longo dos últimos anos, ainda houve tempo para viver 11 meses no México, entre Guatemala, Belize e o Sul do México, a que se seguiram seis meses mais complicados no Canadá: “Vivia num barco e trabalhava no que podia: a pintar casas, isto e aquilo, porque estava ilegal e não tinha visto de trabalho”.

Na Tailândia, esteve alguns meses a viver no meio de uma



# “Só tenho UMA MOCHILA e



**IRREVERENTES** Na Austrália, viviam numa carrinha. Na Tailândia, na cabana da tribo de Umpang Khi



tribo, e andou por terras australianas duante o último ano e meio.

## Um modo de vida

Nesta altura, pode perguntar-se como é possível fazer tantos quilómetros sem dinheiro. E se não tem pais ricos nem ganhou a lotaria, como consegue Hélio este milagre? “Se fosse preciso dinheiro, eu nunca viajaria na minha vida. Trabalho nos sítios por onde passo e calculo bem onde vou investir o dinheiro. Há quem prefira comprar carros e casas. Eu só tenho uma mochila e sou feliz assim”, responde o rapaz. Por outro lado, os destinos turísticos não cativam o jovem e os locais de luxo só lhe servem para trabalhar: “Adoro conhecer os sítios mais inexplorados e procuro sempre conviver com tribos. Vou à procura delas, pergunto aos habitantes locais, os quais, na maioria das vezes, nunca

foram tão longe nem falam o dialecto”. E, a propósito, conta um episódio: “Na Tailândia, descobri uma tribo que falava um dialecto desconhecido e só tinha visto um branco uma vez. Olharam-nos com curiosidade e abriram a boca de espanto ao tocarem-nos no cabelo. Passámos lá uma semana. A primeira vez que me perguntaram o que queria comer, vi passar uma galinha e aponte para ela. Imediatamente a senhora agarrou-a e torceu-lhe o papo”.

## Com a namorada

Hélio viaja há cerca de 11 anos, mas, nos últimos três, tem sido acompanhado pela namorada. Annemick Moor tem 27 anos, é holandesa e conheceu o namorado numa viagem a Tenerife. “Adoro viajar sozinho, mas confesso que a solidão, por vezes, bate forte. Às vezes, dava comigo a chorar por não ter ninguém que me ou-

Ajudou a construir um telhado nas ilhas Fiji



visse desabafar, pelo menos, durante cinco minutos. Em Portugal, senti sempre essa mesma dor. Não é por estarmos no meio de uma multidão que nos sentimos acompanhados”, revela. Agora, com a namorada ao lado, tudo se modificou: “É muito bom, não precisamos de palavras para nos entendermos e sentimos um maior conforto”.

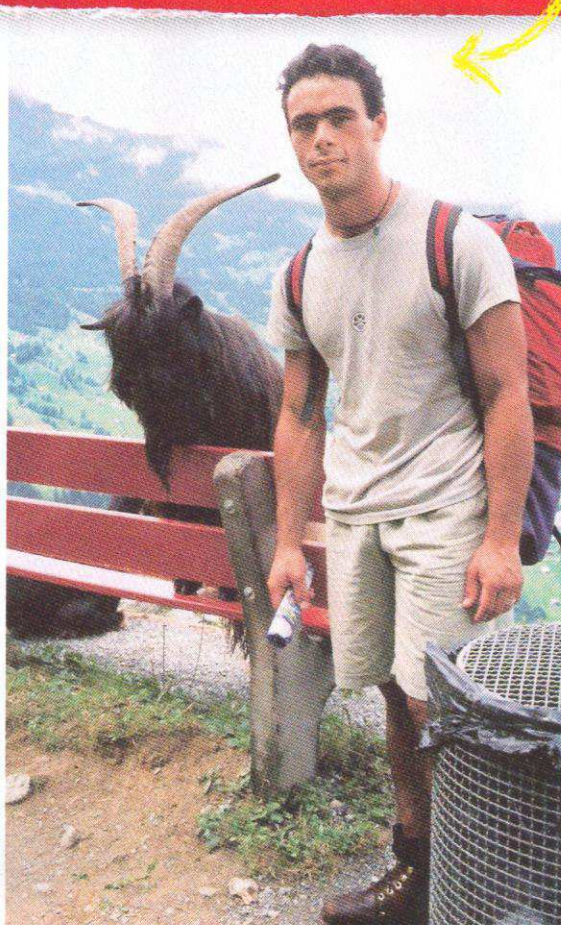
## Viagem de sonho

África é um sonho antigo que Hélio e Annemick estão prestes a realizar. Na sua última viagem por terras dos cangurus, o casal decidiu que esta era a altura certa para porem em prática um projecto de ajuda humanitária que já vêm a estruturar há algum tempo (ver caixa). Para isso, compraram um carro na Holanda, com



# A e sou feliz assim"

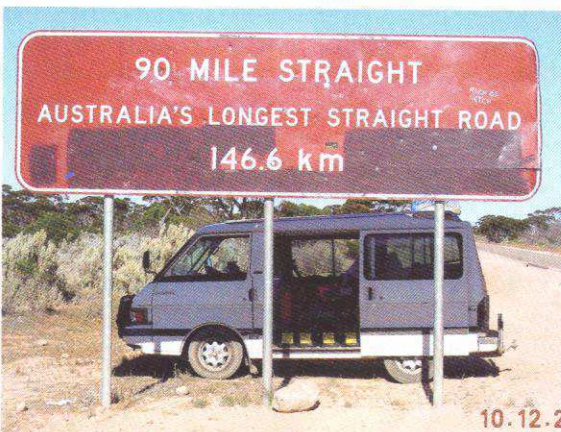
Compraram este carro para irem a África



o dinheiro que juntaram na Austrália, e preparam-se para iniciar uma viagem que durará cerca de dois anos. É a primeira vez que o casal viaja de carro. Para Hélio, se o transporte facilita, por um lado, também pode dificultar, por outro. Mas ele não se atrapalha: **"Levo o carro até ao limite. Quando ele se partir, tiro as coisas, ponho a mochila às costas e continuo o meu caminho. O carro serve para ajudar, não para ser um empecilho. Quando isso acontecer, deixo-o para trás"**.

A pele queimada do sol e a ansiedade de conhecer todos os seres e lugares com quem partilha o planeta fazem de Hélio um jovem invulgar na sua maneira de ser e estar na vida. E contagiou Annemick com este espírito. Felizmente, estes peregrinos do mundo ainda têm muitos anos pela frente para se deslumbrarem com o milagre da vida. ■

Destemido, na Austrália



O início dos 164 quilómetros em linha recta

## AJUDE-OS A AJUDAR!

Os dois jovens partirão para terras africanas carregados de roupas, brinquedos e medicamentos (comprimidos para a malária, ligaduras, seringas, redes mosquiteiras, etc...) que ou compraram com o seu próprio dinheiro ou lhes foi dado para o efeito. Mas este material gastar-se-á nos primeiros países por onde passarem. E, por isso, precisam da **sua ajuda**.

Até porque, mesmo se conseguissem carregar material suficiente, este seria retido nas fronteiras, sob a suspeita de que eles o quisessem vender. Ora, a ideia passa por comprar na cidade os bens mais necessários e urgentes, levando-os até às vilas mais isoladas. **"África tem tudo, desde que haja dinheiro"** – explica Hélio –, **"por isso vão ser tão importantes as doações das pessoas. O dinheiro que nos restou só dá para fazer a viagem."** Para que não retem dúvidas do destino que terão tais doações, um amigo de Hélio irá actualizar o sítio da internet **[www.semplanos.com](http://www.semplanos.com)**, do qual constarão fotos e vídeos dos locais por onde o casal vai passar, o que compram e a quem entregam. Assim, é possível verificar onde foram aplicados os donativos: **"Sempre quis ajudar as pessoas porque, ao longo das minhas viagens, muita gente me ajudou quando eu estava em baixo, não tinha comida, trabalho ou sítio para dormir. Sei que sou demasiado pequeno para mudar o mundo, mas, se puder ajudar pelo menos uma criança, já valeu a pena"**. Todos os donativos serão bem-vindos e cruciais. **"A dimensão da nossa ajuda dependerá da adesão das pessoas. Mas não criamos ilusões a ninguém: vai ser duro, difícil, há vilas que estão isoladas em milhares de quilómetros. Não sabemos se o carro irá aguentar. Fisicamente, não sabemos se vamos aguentar. Mas uma coisa é certa: se chegarmos ao limite das nossas forças, devolveremos o dinheiro às pessoas. Tentaremos fazer o nosso melhor"**, garante.

Se quiser ajudá-los a ajudar, faça o seu donativo por transferência bancária (para que, caso algo corra mal, o dinheiro possa ser devolvido à conta de origem) para o **NIB 003506860000459210049 (CGD)**.